



## QUEM É ESSA MULHER? ERMELINDA MAZZAFERRO BRONCA

Paula Tatiane de Azevedo <sup>1</sup>

Em maio de 1996 a Zero-hora<sup>2</sup> dedicou sua capa a uma reportagem intitulada “Um beijo marca o plano de paz de FH”<sup>3</sup> a reportagem referia-se a primeira indenização paga a um familiar de desaparecido político no Brasil. Na foto Fernando Henrique Cardoso da um beijo em uma mulher, que apesar de estar de costas percebesse já sua idade avançada. Quem seria está mulher? Qual seria o motivo de ela estar na capa do Jornal Zero-Hora?

O objetivo dessa comunicação é dar visibilidade a essa mulher Ermelinda Mazzaferro Bronca que dedicou mais de 20 anos de sua vida na procura por seu filho José Huberto Bronca desaparecido no episódio da Guerrilha do Araguaia.

Na ocasião do falecimento de dona Ermelinda foi também a Zero-Hora que publicou seu obituário. De quase meia página descrevia uma mãe que dedicou à vida na busca do corpo do filho morto na Guerrilha do Araguaia, episódio sangrento da Ditadura Militar do Brasil.

(...) Ermelinda Mazzaferro Bronca, uma mãe que se tornou símbolo da busca por desaparecidos do regime militar, morreu no dia 10, aos 97 anos, 20 dos quais dedicados a encontrar o corpo do seu filho (...) Ermelinda lutava pelo direito de sepultar seu filho desde 1979 (...).<sup>4</sup>

Ao final do obituário uma frase despertava a curiosidade “*morreu sem realizar seu grande sonho*”. Que sonho era esse? O sonho de dar uma sepultura digna a seu filho “Zé”.

A intenção deste trabalho não é simplesmente fazer uma “história das mulheres”, mas trazê-las para a pesquisa, considerando que enquanto a história não incorporar em seus relatos os dois gêneros, será uma história incompleta, demonstrando as relações de poder que silenciam sujeitos, sob estigma do sujeito universal. Ou seja, é imprescindível para essa comunicação trabalhar com o conceito gênero entendendo gênero como categoria analítica das relações masculino/feminino, como nos diz Joan Scott,

Por gênero me refiro ao discurso da diferença dos sexos. Ele não se relaciona simplesmente às idéias, mas também às instituições, às estruturas, as práticas cotidianas, como os rituais, e tudo o que constitui as relações sociais. O discurso é o instrumento de entrada na ordem do mundo, mesmo não sendo anterior à organização social, é dela inseparável. Segue-se, então, que o gênero é a organização social da diferença sexual. Ele não reflete a realidade biológica primeira, mas ele constrói o sentido desta realidade. A diferença sexual não é

<sup>1</sup> Graduada em História e estudante do Curso de Especialização Educação, Sexualidade e Relações de Gênero da UFRGS. E-mail: paulaaze@gmail.com

<sup>2</sup> A Zero-Hora é um dos maiores jornais de circulação diária do Brasil, atualmente ocupa a 7ª posição nacional. É editado em Porto Alegre e mantido pelo Grupo RBS.

<sup>3</sup> Reportagem de Capa Zero-Hora de 15 de Maio de 1996.

<sup>4</sup> Trecho retirado da Zero-Hora de 14 de dezembro de 2009, Seção Anúncios Fúnebres e Religiosos.



causa originária da qual a organização social poderia derivar: ele é antes, uma estrutura social móvel que deve ser analisada nos seus diferentes contextos históricos.<sup>5</sup>

Falar sobre as mulheres é falar das relações de poder entre homens e mulheres. Entendendo a história como uma construção percebi que assim como ela constrói verdades também produz grandes silêncios, a esses silêncios estão destinadas não só as mulheres como também aos sujeitos considerados marginais, tais como, o negro, o índio, os homossexuais, etc. E são as relações de poder e saber que originam esses silêncios. Segundo Foucault o poder constrói, para ele o poder esta disseminado em todas as relações de uma sociedade.<sup>6</sup>

Ermelinda viu seu filho pela última vez em abril de 1966, depois disso em 1970 por ocasião da morte de seu marido Huberto Átteo Bronca, Ermelinda recebe uma carta do filho lamentando a morte do pai, depois disso nunca mais Ermelinda obteve contato com o filho. Dona Ermelinda só vai obter novas notícias do filho em 1979 pela *Revista História Imediata*,<sup>7</sup> a partir dessa revista a família toma conhecimento de que José Huberto Bronca esteve presente na Guerrilha do Araguaia, como declarou Ermelinda, “(...) tomamos conhecimento da participação do meu filho nesse movimento pela *Revista História Imediata*.”<sup>8</sup> Inicia-se a partir disso a busca de Dona Ermelinda por seu filho.

Até aquele momento Ermelinda era uma mulher dedicada às tarefas do lar, ao cuidado com os filhos, parafraseando seu obituário “(...) dona de casa, viúva, mãe, gostava de ler e bordar”. Aceitava como natural sua missão de “anjo do lar”<sup>9</sup>, sentia-se destinada ao espaço privado, doméstico. Colling dá ênfase a dicotomia entre o espaço público e o privado,

(...) mais do que a separação dos sexos entre as duas esferas, a hierarquização e a valorização dotada a cada um dos espaços é objeto de estudo. Ao feminino caracterizado como natureza, emoção, amor, intuição é destinado o espaço privado; ao masculino, cultura, política, razão, justiça, poder, o espaço público.<sup>10</sup>

<sup>5</sup> SCOTT, Joan. W. *La citoyenne paradoxale. Les féministes françaises et les droits de l'homme*. Paris: Albin Michel, 1998, p.15. Tradução Ana Maria Colling.

<sup>6</sup> FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 23. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

<sup>7</sup> DÓRIA, Palmério ET ali. *História Imediata. A Guerrilha do Araguaia*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1979.

<sup>8</sup> Depoimento de Ermelinda Mazzaferro Bronca a Raquel Padilha da Silva, 1999. Em ocasião de sua monografia de conclusão do Curso de Bacharelado em História pela Pontifícia Universidade Católica/RS. Intitulada: *Mãe Procura: a procura das mães por seus filhos durante a ditadura militar*.

<sup>9</sup> VIRGINIA WOOLF aborda que a mulher precisa matar o “anjo do lar” para conquistar o espaço público. IN: WOOLF, Virgínia. *Kew gardens; O status intelectual da mulher; Um toque feminino na ficção; Profissões para mulheres*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p.43.

<sup>10</sup> COLLING, A. M. . *Relações de poder e gênero*. In: RUIZ, Rosa Maria Ávila; ATXURRA, Rafael López; LARREA, Estibaliz Fernádes. (Org.). *Las competencias profesionales para la enseñanza-aprendizaje de las Ciencias Sociales ante el reto europeo y la globalización*. Bilbao: Asociación Universitaria de Profesores de Didáctica de las Ciencias Sociales, 2007, v. , p. 556.



Rompendo esse paradigma, Ermelinda adentra no espaço público utilizando sua única arma – a palavra. A palavra pública do poder que até aquele momento não fazia parte de seu cotidiano começa a ganhar forma através da busca por seu filho. Inicia-se assim uma longa e árdua peregrinação juntamente com as outras mães, familiares de desaparecidos e o advogado Luis Eduardo R. Greenhalgh que impetrarão um processo judicial contra o estado pela responsabilização dos desaparecimentos de seus parentes na Guerrilha do Araguaia. Que da origem a vários depoimentos prestados a diversas entidades e organismos internacionais em Defesa aos Direitos Humanos, em discussões realizadas nas inúmeras viagens feitas a São Paulo e Rio de Janeiro.

Durante todo o período em que buscou por seu filho Ermelinda guardou todos os documentos relacionados a seu desaparecimento e é através desse acervo pessoal que podemos ter a dimensão do que foi sua luta. É a partir da fala dela contida nesses documentos que tentarei traçar aqui um pouco do que foi a luta dela na busca por seu filho. Ermelinda recebeu e enviou diversas cartas, cartões durante mais de vinte anos de busca, também prestou diversos depoimentos em jornais, revistas, eventos que envolviam a procura de desaparecidos políticos.

### *A Busca de Ermelinda*

Como já foi citado anteriormente foi no ano de 1979 que Ermelinda teve a confirmação que o filho participou da Guerrilha do Araguaia. A partir de seu acervo pessoal é possível de forma cronológica traçar uma linha na fala de Dona Ermelinda que inicia-se em 1980 e vai até 2001.

Em 1980 nas dependências do colégio Anchieta em Porto Alegre D. Ermelinda presta depoimento a convite de Jair Krischke<sup>11</sup>, presidente do MJDH/RS (Movimento de Justiça Direitos Humanos do Rio Grande do Sul) a equipe da ONU. As palavras de D. Ermelinda a ONU constam em papel amarelado datilografado,

Em primeiro lugar, quero agradecer a mais esta oportunidade que o Dr. Jair me proporcionou, convidando-me a participar da reunião como mãe de um desaparecido político. Meu filho José Huberto Bronca, era um idealista, ele queria um Brasil com justiça social. Por isso ele foi para o sul do Pará, para a região do Araguaia, com outros companheiros que comungavam do mesmo ideal. Em 25 de dezembro de 1973, foi dado como desaparecido após travarem uma luta, onde poucos que lá se encontravam foram trucidados pelas forças das três armas nacionais.

O que eu e as demais mães queremos das autoridades é saber onde estão os nossos filhos desaparecidos: se estão vivos os queremos de volta e, se mortos, queremos seus restos mortais para dar-lhes sepultura digna em seus lugares de origem. Acho que o direito de uma mãe é sagrado. Ninguém pode impedir uma mãe de procurar o seu filho. Isso não pode ser considerado revanchismo. Esses jovens deram a vida por uma causa justa. Não tiveram sucesso, mas alguém tinha que lutar por isso.

---

<sup>11</sup> Jair Krischke, fundou, em 1979, o Movimento de Justiça e Direitos Humanos (MJDH), principal ONG ligada aos Direitos Humanos da Região Sul.



A todos, muito obrigado, EMB<sup>12</sup>

Nesse depoimento é possível identificar já uma articulação com os demais familiares de desaparecidos políticos e principalmente a identificação com as demais mães. O discurso de Ermelinda tem como mote central a busca pelo filho, na sua fala a luta pelo direito de enterrar seu filho.

Ainda em 1980 Dona Ermelinda escreve uma carta ao Sr<sup>o</sup> Seabra Fagundes então presidente da OAB-RJ, a seguir transcrevo trechos dessa carta.

Ilmo Sr<sup>o</sup>  
Dr. SEABRA FAGUNDES  
DD. Presidente da OAB  
Rio de Janeiro

Tem esta a finalidade de solicitar a V.S. na condição de digno presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, que interceda junto ao governo federal para que o mesmo informe o paradeiro dado ao meu querido filho José Huberto Bronca, o qual consta na lista dos desaparecidos políticos na denominada “Guerrilha do Araguaia”, no ano de 1973. Creio desnecessário lembrar a V. Excia. o vazio e a permanente sensação de desespero que me invade pela falta de meu filho, ou pelo menos pela falta de notícias de meu filho. Desde ano de 1970 que não tenho notícias de meu filho e durante estes 10 anos procuro através de todas as pistas, indícios que me possam conduzir a qualquer certeza, para colocar fim nessa angústia (...)

(...) Por ser sabedora da posição imparcial desta entidade. Bem como a sua bandeira pelo restabelecimento do Estado de Direito (...) tenho a absoluta certeza que V.S. tomará qualquer atitude em meu benefício. Desde já agradeço-lhe infinitamente e continuarei sendo sua admiradora, lembrando-lhe sempre das corretas palavras pronunciadas recentemente em Manaus, quando da abertura do Congresso da Liberdade. Finalmente, quero lhe transmitir também o agradecimento de meus familiares e todas as famílias que vivem nesta mesma angústia.

Atenciosamente Ermelinda Mazafferro Bronca

Através dessa carta é possível perceber que D. Ermelinda estava ao par das entidades que poderiam de alguma forma apoiá-la e que também fazia parte da sua luta manter ligações com essas instituições. Muito provavelmente era através dos periódicos recebidos em sua casa que ela se mantinha informada sobre os acontecimentos a cerca do episódio Araguaia ou mesmo da luta travada por outras pessoas e entidades.

Nesse mesmo ano a uma carta enviada por Dona Ermelinda a José Genuíno um dos únicos sobreviventes da Guerrilha do Araguaia,

Prezado José Genuíno

Recebi tua cartinha e já devia ter respondido mas só não o fiz porque estive muito doente e fiz vários exames médicos e radiológicos. Já estou em fase de recuperação e só agora tive disposição para te escrever. Também eu relembro com muita saudade os dias que passaste aqui conosco como membro de nossa família. Espero rever-te em breve. Quanto à caravana as notícias que tivemos foram por intermédio da revista Isto é. Fiquei com uma pontinha de esperança porque apareceram pessoas de quem não se tinha conhecimento que estavam vivas. Li, também, nos jornais daqui, as declarações em Salvador de João Amazonas. Foi uma grande surpresa

---

<sup>12</sup> Todos os documentos transcritos aqui fazem parte do Acervo Pessoal de Ermelinda Mazafferro Bronca, depositado no AHR (Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul). Doado em 2005 por Maria Helena Mazafferro Bronca filha de Ermelinda. Consultado em 2009.



saber que também ele está aqui em nosso país. Espero ansiosamente o resultado dessa interpelação que só depende da volta da caravana. Segundo notícias tuas porque a D. Cyrene ainda não me escreveu. Agradeço as palavras carinhosas com que te referiste ao Zé. Isto prova que ele era estimado pelos companheiros, o que me conforta muito.

Meus filhos e eu enviamos votos de um Feliz Natal e um Ano Novo repleto de felicidade para ti e os que te são caros. Despeço-me com um grande e carinhoso abraço.

Ermelinda

Nesta carta fica evidenciada a ligação de Dona Ermelinda na luta não só dos familiares de desaparecidos como também dos ex-guerrilheiros integrantes do Partido Comunista do Brasil (PC do B) pelo esclarecimento do episódio Araguaia. Isso se confirma ainda mais com cartas enviadas por Dona Ermelinda a Criméia de Almeida, Elza Monnerat e Dower Cavalcanti respectivamente nos anos de 1981, 1990 e 1992. A seguir trechos de tais cartas,

Porto Alegre, 08 de Março de 1982

Estimada Criméia,

Ainda estou cm a impressão da reunião que tivemos em São Paulo. Fiquei muito satisfeita em ter conhecido alguns dos familiares dos jovens desaparecidos. Conforme combinamos estou te enviando as fotos de meu filho. Elas foram reveladas em papel próprio para impressão, facilitando assim teu trabalho. Junto vão os dados pessoais do Zé, resumido, conforme tu solicitaste. Peço-te o favor de acusar o recebimento desse material. Falei com a Marisa e dei o recado que mandaste. Ela se comoveu muito a ponto de chorar com a homenagem que prestaste a João Carlos. Considero este trabalho que estas fazendo atualmente uma justa homenagem aos jovens que tomaram por tão nobre ideal e, por isso, agradeço-te muito em meu nome e no de meu e no do meus filhos.

Um afetuoso abraço meu e de minha filha

Ermelinda

E a Elza Monnerat,

Porto Alegre, 20 de Julho de 1990.

Estima Elza

Para completar os dados que te enviei, hoje remeto mais duas fotos. Essas fotos são documento vivo das atividades sadias que o José Huberto cultivava. Junto vai um “Termo de Declarações” que prestei à Comissão dos Direitos Humanos da OAB-Seção Rio Grande do Sul, em 1983. Esse documento podes colocar nos arquivos do PC do B ou dar o destino que achares adequado. Recebi um telefonema do Divo Pizzoni quando esteve aqui em P. Alegre. Ele prometeu que me visitará na próxima viagem que fizer para cá. Será uma grande satisfação falar pessoalmente com ele. Despeço-me com um afetuoso abraço.

Ermelinda

E a Sr Dower Cavalcanti,

Porto Alegre, 3 de Março de 1992

Prezado Dower

Ainda sinto a emoção do teu telefonema e de tuas palavras tão carinhosas e confortadoras, pois foi um companheiro de lutas do Zé. Isto para mim é muito gratificante, também muito emocionada porque conviveste com ele. Despertei hoje, com os jornais da manhã, com um artigo sobre o teu trabalho e imediatamente passo a tuas mãos. Acho que ele será de grande importância para o esclarecimento e informação do povo brasileiro, sobre o que aconteceu no sul do Pará.

Envio junto, dados sobre a vida do Zé aqui na nossa terra, até o momento que ele partiu, não mais retorno a nosso convívio desde 1966. (...) Eu compareci, na década de 80 á varias reuniões sobre Direitos Humanos na Assembléia Legislativa do Estado, e inclusive tive uma entrevista com representantes da ONU para assuntos de desaparecidos políticos do Cone Sul. (...) Atualmente devido a minha avançada idade e condições de saúde,



não freqüente mais as reuniões, mas estou ao par de tudo que ocorre por aqui, através de um grande amigo Jair Krischke e também por intermédio do Grupo Tortura Nunca Mais São Paulo do qual faço parte  
Ermelinda

Essas três cartas evidenciam a ligação duradoura de Ermelinda com os ex-guerrilheiros e dirigentes do PC do B, e o esforço contínuo de uma mãe na denuncia e esclarecimentos dos acontecimentos da Guerrilha do Araguaia. Como também a aproximação do partido com familiares dos desaparecidos. Segundo Sousa nessa época o partido tentava de uma reaproximação, entretanto ressalta a autora Elza Monnerat esteve desde o início apoiando a luta dos familiares.<sup>13</sup>

É a partir de 1995 que os jornais e revistas dão uma maior ênfase não só a luta de Dona Ermelinda como também dos demais familiares, possivelmente porque é em 1995 que Fernando Henrique Cardoso então presidente da república assina o decreto de lei 9.140 que “*Reconhece como mortas pessoas desaparecidas em razão de participação, ou acusação de participação, em atividades políticas, no período de 2 de setembro de 1961 a 15 de agosto de 1979*”. Inclusive é nesse mesmo ano que Ermelinda envia carta ao Deputado Nilmário Miranda<sup>14</sup> agradecendo o trabalho do deputado desenvolvido em prol dos familiares dos desaparecidos políticos,

Porto Alegre, 20 de setembro de 1995  
Ao Deputado Federal  
Nilmário Miranda

Como mãe de José Huberto Bronca, desaparecido na Guerrilha do Araguaia, quero cumprimentá-lo pelo trabalho que vem realizando junto as famílias e o governo para elucidar está triste página da história do Brasil. Acho que mais que o direito as indenizações e a formalização de óbitos, temos direito sobre os corpos dos desaparecidos a fim de dar-lhes uma sepultura digna. Enterrando-os nos jazidos das famílias, eles estarão retornando ao seios dessas famílias. Quero expressar os agradecimentos meus e de minha família pelo trabalho que o ilustre deputado vem desenvolvendo. Agradecemos também, à comissão da cidadania e dos Direitos Humanos da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, na pessoa da Srª Suzana K. Lisboa.  
Ermelinda Mazzaferro Bronca

É importante ressaltar que em 1995 já fazia mais de 15 anos que a luta dessa mãe perdurava apesar da já avança idade continuava atuando politicamente em busca do corpo do seu filho. Outro aspecto significativo é justamente o corpo, ela deixa claro que mais importante que qualquer indenização ou certidão de óbito é o corpo do filho que interessa, para enfim retornar a seu lar. As indenizações são sem dúvida o assunto mais debatido atualmente quando se fala sobre Ditadura Militar, uns contra outros a favor, dificilmente a um consenso sobre está temática.

<sup>13</sup> SOUSA. Deusa Maria. *Caminhos Cruzados: Trajetória de e desaparecimento de quatro guerrilheiros gaúchos no Araguaia*. Dissertação de Mestrado, Unisinos, 2006. pag. 259.

<sup>14</sup> Nilmário Miranda é jornalista, mestre em Ciência Política.



Em 1995 participou ainda mesmo que com a saúde debilitada da inauguração do Memorial aos Mortos e Desaparecidos Políticos Gaúchos no Parque Marinha do Brasil, Dona Ermelinda declara ao Jornal Zero Hora, “*agora terei um lugar para chorar sua morte*”<sup>15</sup>

Exatamente em 1996 Ermelinda Mazzaferro Bronca é notícia em todos os jornais do país e principalmente no Rio Grande do Sul. Ela é a primeira familiar de desaparecido político a ser indenizada em todo o país. Precisamente em 13 de Maio de 1996 em solenidade no Distrito Federal Ermelinda recebeu um cheque das mãos de Fernando Henrique Cardoso de cem mil reais de indenização pela morte de seu filho José Huberto Bronca. Ermelinda doou integralmente para o GTMN/SP o montante de 100 mil reais que recebeu. O propósito segundo ela era contribuir com a identificação dos corpos dos desaparecidos, fez questão de frisar em seu discurso que seu maior desejo era fornecer a seu filho uma sepultura digna, (...) *encontro-me aqui como mãe do desaparecido político (...) estou confiante (...) poderemos, finalmente, ter a identificação dos corpos a fim de dar-lhes uma sepultura digna (...)*.

O último documento com a fala de Dona Ermelinda tem data de 3 de março de 2001, dois anos antes de sua morte. Nele Ermelinda escreve a Amelinha Teles irmã de Criméia Almeida, militante política presa por duas vezes durante o período ditatorial brasileiro,

Porto Alegre, 3 de março de 2001

Prezada Amelinha

Estou enviando o material sobre o Zé. Gostaria que constasse na página da Internet as fotos e o atestado de óbito (fornecido por decreto-lei, sem constar a causa mortes). Peço que me envie uma cópia do que foi divulgado porque eu não tenho acesso à Internet.

Com afetuoso abraço, extensivo à Criméia, Ermelinda

Em 2001 Ermelinda completou 95 anos, esse pequeno bilhete demonstra que apesar de sua avançada idade Ermelinda continuava lutando pelo direito de enterrar seu filho. Sua trajetória incansável de mais de vinte anos engajada na luta dos familiares e desaparecidos.

Durante esses mais de vinte anos Ermelinda lutou entre as invisíveis pelo esclarecimento dos acontecimentos ocorridos durante o período ditatorial brasileiro. Conseguiu um atestado de óbito sem causa mortes e uma indenização de cem mil reais que doou integralmente a luta, infelizmente não conseguiu realizar seu maior sonho enterrar seu filho.

Partindo do pressuposto que a realidade é constituída política, social e culturalmente, segundo a *Nova História*, se faz necessário dizer que para possibilidade de uma história das mulheres – pensando aqui nos novos objetos de investigação da *nova história* – é preciso pensar a história do feminino como uma construção política, social e cultural. Essa construção se dá através

---

<sup>15</sup> Reportagem Zero-Hora, do Caderno Política – “Família usara dinheiro para procurar o corpo” – 9/04/1996.



das relações de poder e saber que construíram verdades, mas que também produziram grandes silêncios.

A mulher ainda é uma presença silenciada na história, apesar da constante busca por apontar a presença feminina na história, abrangendo-as como objeto de estudo. Os papéis sociais estabelecidos para homens e mulheres no decorrer da história visaram dividi-los em duas bases, a pública e a privada. A mulher naturalmente regida pela emoção se restringiu ao privado, as atribuições do lar e da família. O homem por sua vez naturalmente nasceu para o público, pois é movido pela razão. Essa construção legitimada na natureza só faz crescer as desigualdades e marca como natural tais diferenças. O homem é historicamente construído como único proprietário do espaço público excluindo a mulher, a desqualificando de diversas formas. A mulher como cidadã com direitos principalmente na política não existe, foi retirada dela o direito a palavra do poder, ou seja, a palavra pública.

É exatamente essa barreira que Ermelinda ultrapassa quando se lança na busca por seu filho, vivo ou morto. É a partir do uso da palavra que essa mulher torna-se militante política, com circulação ativa em diversas instituições e entidades políticas com um único objetivo trazer seu filho de volta para lar, ou pelo menos seu corpo.

Essa mãe provou que a luta por igualdade nada tem haver com a capacidade da mulher de ser igual ao homem. Ao contrário foi a partir de uma característica feminina – a maternidade – que já foi muito utilizada como argumento de dominação que essa mulher ocupou um novo lugar na sociedade e tornou-se ativa politicamente.

Ermelinda e tantas outras mães que lutaram e buscaram seus filhos durante toda a vida, e que morreram sem realizar seu grande sonho, dar uma sepultura digna a seus filhos, mais do que isso Ermelinda desejava trazer José de volta ao seu lar. Busquei com esse trabalho dar voz a essa mulher, trazê-la como protagonista ao palco político da história da ditadura militar.

### *Bibliografia*

COLLING, A. M.. *Relações de poder e gênero*. In: RUIZ, Rosa Maria Ávila; ATXURRA, Rafael López; LARREA, Estibaliz Fernández. (Org.). Las competencias profesionales para la enseñanza-aprendizaje de las Ciencias Sociales ante el reto europeo y la globalización. Bilbao: Asociación Universitaria de Profesores de Didáctica de las Ciencias Sociales, 2007.

DÓRIA, Palmério ET ali. História Imediata. A *Guerrilha do Araguaia*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1979.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 23. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.





SCOTT, Joan. W. *La citoyenne paradoxale. Les féministes françaises et les droits de l'homme*. Paris: Albin Michel, 1998. Tradução Ana Maria Colling.

SILVA, Raquel Padilha. *Mãe Procura: a procura das mães por seus filhos durante a ditadura militar*. Monografia Final de Bacharelado em História, PUC/RS, 1999.

SOUSA, Deusa Maria. *Caminhos Cruzados: Trajetória de e desaparecimento de quatro guerrilheiros gaúchos no Araguaia*. Dissertação de Mestrado, Unisinos, 2006.

VIRGINIA WOOLF aborda que a mulher precisa matar o “anjo do lar” para conquistar o espaço público. IN: WOOLF, Virgínia. *Kew gardens; O status intelectual da mulher; Um toque feminino na ficção; Profissões para mulheres*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.